

## BENJAMIN SANCHES DE OLIVEIRA:

Perfil crítico de um escritor do Clube da Madrugada.

Patrono da Cadeira nº 11 da Academia Amazonense Maçônica de Letras

José Auri de Gusmão Vasconcelos<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo traça um perfil crítico-literário de Benjamin Sanches de Oliveira, escritor amazonense vinculado ao movimento cultural Clube da Madrugada, destacando sua singularidade estética na literatura do século XX. A partir de referência crítica e análise de suas principais obras, *Argila* (1957) e *o outro e outros contos* (1963), discute-se o rompimento do autor com o regionalismo descritivo predominante, privilegiando uma abordagem existencial, simbólica e psicológica. Sua produção evidencia o drama interior do homem moderno, a fragmentação da identidade e a angústia como elementos centrais, inserindo a Amazônia não como paisagem exótica, mas como espaço metafórico da consciência. O artigo evidencia ainda o caráter inovador de sua escrita, tanto no plano temático quanto formal, situando Benjamin Sanches como uma das figuras mais sofisticadas e ainda pouco visibilizadas da literatura amazonense.

**Palavras-chave:** Literatura amazonense. Clube da Madrugada. Benjamin Sanches de Oliveira. Conto brasileiro. Poesia brasileira.

---

<sup>1</sup> José Auri de Gusmão Vasconcelos é Psicólogo, formado pela Universidade Católica de Pernambuco, Especialista em Qualidade Total pela União Japonesa de Cientistas e Engenheiros (JUSE), no Japão e MBA em Gestão Estratégica pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Iniciado em 15/09/2006 na G.:B.:L.:S.: Rio Negro nº 4, jurisdicionada à Grande Loja Maçônica do Amazonas – GLOMAM.

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura amazonense do século XX foi marcada por um processo de ruptura estética que encontrou no Clube da Madrugada sua expressão mais significativa, considerado o mais importante da história do Amazonas. Sob sua influência floresceram inúmeras obras literárias e diversas manifestações artísticas, entre elas a pintura de Moacir Andrade, que marcaram profundamente a cena cultural dos anos 50.

Antônio Paulo Graça, escritor e crítico literário, afirma que todos os escritores importantes do Amazonas tiveram no Clube da Madrugada sua expressão ou influência, a exemplo do poeta maior Thiago de Mello. Observa o poeta e ensaísta Tenório Telles que:

Numa sociedade ainda sem universidade, sem a práxis da leitura, sem o gosto pelo debate, o Clube da Madrugada nasceu sob o signo da polêmica, da novidade, da reação articulada contra o generalizado marasmo e o academicismo que dominavam a cultura amazonense (TELLES; GRAÇA, 2021).

O Clube da Madrugada surge como reação tardia à modernidade artística inaugurada pela Semana de Arte Moderna de 1922, chegando ao Amazonas quase três décadas depois. Luciane Páscoa, Professora da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), escreve na Série Memória nº 141, publicada em 2009, que:

O Clube da Madrugada foi um movimento artístico e literário típico do século XX. Neste período, a evolução aparentemente regular e tranquila no terreno das artes pareceu subitamente interrompida, refletindo uma mudança análoga da visão que o homem tinha do mundo. Transformações sociais, políticas e econômicas ocorriam paralelamente ao desenvolvimento filosófico e científico, bem como ao concomitante colapso de sistemas e valores autoritários tradicionais. O Clube da Madrugada teve seu manifesto publicado na primeira e única edição da Revista Madrugada I, em novembro de 1955 como comemoração de um ano de formação do Clube. As primeiras propostas do Clube da Madrugada mostravam um programa de luta e buscavam romper com uma certa mistificação do homem da região, pois o conteúdo deste manifesto tinha um caráter contestador.

## 2. TRAJETÓRIA INTELECTUAL E PERFIL HUMANO

Há muitas referências ao espírito renovador que mobilizava os integrantes do Clube da Madrugada. Foi nesse caldeirão cultural e inconformado, cavalgando no galope do experimentalismo, que surge **BENJAMIN SANCHES DE OLIVEIRA**, nascido em Manaus (AM) em 21 de abril de 1915, onde também faleceu em 1978. Poeta e contista, Benjamin foi engenheiro agrônomo de formação e profissão e é reconhecido como uma das figuras mais singulares da literatura amazonense do século XX. Sua trajetória literária foi marcada por certa discrição pública e por um relativo afastamento dos círculos editoriais nacionais, o que contribuiu para um longo período de esquecimento após sua morte. Contudo, a partir do final do século XX, sua obra passou por um processo de revalorização acadêmica, sendo objeto de estudos e análises críticas.

Encontrei uma **Dissertação de Mestrado**, apresentada em 2020 por Jackeline Mendes Brandão, ao Programa de Pós- Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), onde está escrito que:

A partir de uma das publicações dos poemas do autor foi que descobrimos uma curiosidade sobre Benjamin Sanches: a paixão que nutria pelo Nacional Futebol Clube, agremiação esportiva brasileira, da cidade de Manaus.

Em dezembro de 2025, a **Revista Xapuri Socioambiental** publica o poema *lara* de Benjamin Sanches, junto a uma crônica intitulada A FORMA PERFEITA DA TEZ MORENA. E, pasmem, encontrei no Spotify o poema *lara* sendo declamado por uma aluna chamada Fernanda Gomes Ferreira, da 8ª série da Escola Pássaro Azul, em São Félix do Xingu, no estado do Pará.

Pesquisando no **Wikipedia**, enciclopédia livre digital mundial, certifiquei-me que:

“O pensamento literário de Benjamin Sanches se distingue por romper com o regionalismo descritivo tradicional predominante na literatura amazônica de sua época. Embora o espaço amazônico esteja presente em sua obra, ele é tratado como cenário simbólico e existencial, não meramente folclórico ou naturalista”

Homem de personalidade mansa, silencioso, confiante, difícil de identificar nele “de pronto” o valor do escritor e de seus sonhos inovadores — assim o descreve Robério Braga, na apresentação da coleção Resgate, publicado pela editora Valer, em 1998.

Em sua trajetória de poeta e contista, Benjamin Sanches publicou dois livros: um de poesia, *Argila*, em 1957, e o segundo de contos, cujo título é *o outro e outros contos*, em 1963. Contudo, Benjamin Sanches iniciou seu trabalho literário por meio de poemas que eram publicados no Jornal do Comércio na década de 50, onde escrevia também vários artigos para o suplemento dominical do Jornal do Brasil e outros periódicos, às vezes utilizando o pseudônimo AZIZ.

A bem da verdade, de sua vida privada pouco se sabe, pois quase nada é encontrado nos documentos pesquisados. Ademais, em sua ousada obra pode-se perceber os traços de inquietude de Benjamin Sanches. Estou certo, pelo que observei, que ele escreveu buscando uma universalização de seus personagens ao invés de apenas se ater ao regionalismo predominante.

Em sua obra encontramos fortes temas — a loucura, o sombrio, a morte, a intensidade — como característica de seus textos, às vezes densos e profundos. Um bom prato para quem gosta de psicanálise ou mesmo da rebeldia literária que protagonizava. Como se observa, por exemplo, em *o outro e outros contos*, todos os textos são escritos em letras minúsculas, inclusive os títulos, e o alinhamento sempre à direita do papel. Uma expressão simbólica e disruptiva evidenciando o experimentalismo que praticara em sua obra. Isto se dá em pleno início dos anos 60. Embora partilhasse do gosto pela paisagem amazônica, Benjamin rompeu com a literatura meramente pitoresca: sua escrita volta-se para o drama interior, a crise existencial, o conflito metafísico e a experimentação formal.

### **3. A POESIA DE ARGILA**

*Argila*, seu livro de poesia, surge nesse contexto como um livro de tensão, mais preocupado com o homem em conflito do que com a floresta enquanto cenário belo e exótico. Nesta obra, predomina a introspecção, a reflexão ontológica, o tempo e o ser humano.

Esteticamente, o título *Argila* é bem simbólico, pois remete à matéria primordial, ao barro bíblico, a algo moldável, inacabado — imagem recorrente da fragilidade e da

condição transitória do ser humano, enquanto encarnado. Sem dúvida, um prato cheio para os psicólogos mais aguerridos e afeiçoados a textos existencialistas.

Tudo isto porque a poesia de Sanches trabalha a instabilidade do “eu”, a consciência do tempo e da morte, o erotismo como força vital e dolorosa, a dúvida metafísica e a solidão do homem moderno. Podemos assim arriscar que sua linguagem conversa com o lirismo reflexivo, ou seja, imagens densas e momentos de ruptura sintática, algo bastante ousado para o ambiente literário amazonense de seu tempo.

Vejam os poemas *Ser e Não Ser*, provavelmente um dos poemas mais emblemáticos do livro. Aqui, nosso patrono estabelece uma poética da ambiguidade ontológica: o sujeito não se conhece plenamente, vive num estado de suspensão entre existir e compreender-se. Ou seja, um “eu” que escapa à forma do absoluto, que existe antes mesmo de ser pensado como tal. São questões profundamente existencialistas, bem no gosto de Sartre e Heidegger, guardadas as devidas proporções.

Entretanto, o poema *Sinais do Tempo* tem um tom aparentemente coloquial e irônico, que contrasta o sagrado do passado com a banalização do presente. O sino da igreja dá lugar à buzina e o tempo moderno surge como ruído, repetição e esvaziamento simbólico; trata-se, provavelmente, de uma crítica cultural, preservando o lirismo.

Já o poema *lara* — pela sua estética e por tratar-se de um personagem do cenário amazônico — revela-se um dos textos mais expressivos e simbólicos de *Argila*, conjugando a linha disruptiva e lírica ao mesmo tempo. Exatamente porque o mito amazônico lara é ressignificado, pois não se trata de simples folclore, mas de uma figura feminina profundamente erótica, ambígua e destrutiva. Aqui a mulher-mito surge como força que fecunda e fere, expressando desejo e morte, encantamento e dissolução. O extraordinário aqui é que este poema revela a habilidade de Benjamin Sanches em fundir o universo amazônico a uma simbologia universal. Isto é sensacional.

### **a prosa de o outro e outros contos**

(propositalmente este título está em letra minúscula, alinhado à direita da folha e sem numeração, seguindo o estilo experimental de Benjamin Sanches)

Olhando para o livro *o outro e outros contos*, coletânea de contos que o consagrou como um dos inovadores prosadores amazonenses, marcada por narrativas densas, atmosfera sombria e forte carga simbólica, onde o foco está menos no que acontece e mais em como o sujeito vive aquilo que acontece. A ação externa é mínima porque o verdadeiro conflito se dá na consciência. Isto acontece porque os personagens pensam mais do que agem e são tomados por angústia, culpa, medo ou vazio, criando uma literatura da subjetividade em crise.

Vejo que os protagonistas dos contos de Benjamin Sanches não são super-heróis nem figuras poderosas, mas sim homens comuns, sujeitos urbanos, indivíduos com identidade pouco definida. Esse formato é comum em sua obra, pois o drama que é exposto não é individual, mas uma condição humana.

*O tempo, a norma, a morte e o rigor* são textos que funcionam como fronteiras incontornáveis; em que o limite é a norma interiorizada, pois vemos aqui os dramas de consciência do homem comum, urbano, defrontando-se com seu destino. E, por não controlar o seu destino, experimenta a angústia. Manaus aparece não como cenário exuberante, mas como espaço psicológico, opressivo, labiríntico, onde o sujeito se confronta com seus próprios limites.

*O outro* é outro conto emblemático da obra porque nele o “outro” não é apenas uma figura externa, mas uma sombra (como diria Carl Gustav Jung em sua teoria da personalidade), uma alteridade que emerge do interior do narrador que vive o progressivo desmoronamento de sua identidade, revelando uma ruptura entre o eu consciente e forças inconscientes que ele não consegue controlar.

As narrativas de Benjamin Sanches parecem bem contemporâneas, embora tenham sido escritas há quase 70 anos, e sua obra pode não ter sido completamente compreendida em face de que está carregada de elementos subjetivos que a povoam e dão sentido às situações descritas. Olhando por este viés, temos uma obra muito rica de significados que, ao que tudo indica, sejam expressão da personalidade inquieta e, paradoxalmente, mansa do autor.

Benjamin Sanches constrói, em *o outro e outros contos*, uma literatura do estranhamento do sujeito consigo mesmo, que antecipa discussões contemporâneas sobre identidade, alienação e saúde mental. Sua prosa enxuta, psicológica e simbólica, faz dele um dos ficcionistas mais sofisticados do Clube da Madrugada. À

luz da psicanálise freudiana e do existencialismo, sua obra revela-se um campo fértil para compreender como o homem amazônico moderno lida com repressão, culpa e fragmentação interior. Trata-se de uma literatura que não busca confortar, mas desvelar e por isso mesmo permanece atual e inquietante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conjunto, os contos de Benjamin Sanches formam uma obra coesa, unida por um mesmo fio existencial, em que o sujeito vive sob normas que não compreende; sofre sem causa visível e busca sentido num mundo que não o oferece. Essa obra mostra que o autor foi um dos que bem traduziram, no Amazonas, o drama universal do século XX, ou seja, a experiência de existir sem garantias, sem essência e sem consolo. Por isso, Benjamin Sanches não é apenas um contista regional, mas um escritor que integra a Amazônia ao centro do pensamento literário moderno.

## REFERÊNCIAS

GRAÇA, Antônio Paulo; TELLES, Tenório. *Estudos de literatura do Amazonas*. Manaus: Valer, 2021.

SANCHES, Benjamin. *Argila*. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, 1957.

SANCHES, Benjamin. *o outro e outros contos*. 2. ed. Manaus: Valer, 1998.

WIKIPEDIA. Benjamin Sanches. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Benjamin\\_Sanches](https://pt.wikipedia.org/wiki/Benjamin_Sanches)>. Acesso em: 20 abr. 2026.

XAPURI SOCIOAMBIENTAL. *Iara – a forma perfeita da tez morena*. Disponível em:

<<https://xapuri.info/iara-a-forma-perfeita-da-tez-morena/>>. Acesso em: 20 abr. 2026.